

CIBERSOFIA: O ENSINO DE FILOSOFIA ENTRE O ESPAÇO VIRTUAL (DIGITAL) E O ESPAÇO REAL (A SALA DE AULA)

Vanderson R. Teixeira (UEL/SEED-Pr/FEUSP)
osabiomadruca@uel.br

RESUMO

Uma paisagem é “todo o espaço que se abrange num lance de vista, e que é delimitado pela linha do horizonte ou até onde nossa vista pode alcançar”, assim, no presente ensaio meu objeto de reflexão é a descrição de uma paisagem educativa, suas peculiaridades e as possibilidades de reordenar ou redesenhar uma nova paisagem educativa, esta (hiper)conectada e cibercultural. O método de produção do artigo se divide em dois momentos, sendo a pesquisa e o levantamento documental minha fonte referencial e apresentação escrita o discurso ensaístico. O trabalho se desenvolverá a partir da exposição e articulação dos dispositivos ciberespaciais e de procedimentos metodológicos baseados nas DCE do Paraná para o ensino de filosofia nessa nova paisagem educativa. Com o uso dos dispositivos das TIC (tecnologias da informação e da comunicação) vemos uma melhora nas capacidades de pesquisa, de leitura, de escrita e de produção de conhecimento e isso é o fundamental para a aprendizagem filosófica. Portanto, o uso planejado dos dispositivos, o embasamento metodológico, os recortes precisos dos conceitos filosóficos são os elementos do núcleo duro dessa nova paisagem educativa que vemos ao longe, que não é tão longe assim.

Palavras-chave: Paisagem educativa; Método; Ensino; Filosofia;

INTRODUÇÃO

O *locus* do ensino é peculiar. Uma sala de aula de aproximadamente 36m² com um professor regente (apenas) e entre 35 e 45 estudantes (podendo chegar ao número de 55 em alguns casos). Carteiras enfileiradas, um quadro de giz ocupando a parede defronte dos estudantes, uma mesa para o professor, uma televisão do lado, em um canto superior da sala (normalmente), um ventilador acima do quadro de giz e outros dois no teto da sala, janelas transparentes com cortinas de um tecido grosso qualquer, iluminação básica e um armário no fundo da sala, espremido ou espremendo um ou mais estudantes.

Para além disso, o ruído comum dos aparelhos de ventilação quando ligados, o eco onipresente que vem do corredor e adentra a sala de aula, as falas dos estudantes, seus aparelhos eletrônicos portáteis (agora quase exclusivamente

smartphones) emitindo sons e luzes e o professor tentando chamar a atenção para a “transmissão” de seu conteúdo, por algumas vezes e, muitas outras vezes chamando a atenção dos estudantes, ou por pedido de silêncio, ou por total concentração na aula e nas atividades propostas.

Uma vista comum, por vezes desestimulante e outras vezes desafiadora. O ponto que mobiliza este ensaio é o caráter desafiador deste cenário que chamo de paisagem¹ educativa. Meu objetivo é pensar e repensar estratégias, recursos, metodologias e dispositivos ciberespaciais que possam “auxiliar” a transformar a realidade educacional decadente, retrograda e descontextualizada que é constatada por qualquer estudioso dos problemas crônicos da escola contemporânea. Nas salas da escola, onde vivencio a barbárie, também vivencio centelhas de luz e delas acredito que posso tirar o fogo suficiente para clarear toda a treva que cobre as aulas de filosofia no ensino médio.

Para tanto, tenho investigado e aplicado algumas ações que proponho abaixo com conteúdos fundamentais para serem discutidos por meus estudantes. Conteúdos filosóficos que afetam diretamente a maneira como eles agem e são no ambiente escolar e quiçá fora dele. *O recorte proposto trata necessariamente da relação desses estudantes com sua formação, com sua visão de mundo, com sua atuação e interação escolar* e ao mesmo tempo serve de móbile para outros professores (re)pensarem suas práticas ante essa realidade decadente; os filósofos que apresento se preocupam diretamente com a maneira como o sujeito se faz e atua, tanto na perspectiva individual, quanto coletiva.

MÉTODO

Levantamento documental e escrita ensaística.

CA(U)SO DE PROFESSOR

Descrita minha percepção da atual paisagem educacional, passo então a expor os procedimentos de três aulas e os dispositivos ciberespaciais que demonstram ser capazes de tornar as mesmas significativas e corretas, o meu trabalho eficiente,

¹ Cf. http://www.pucrs.br/fau/paisagistica/ep1_aula1.pdf disponível no dia 23/04/2015.

bem como o ensino e a aprendizagem significativos, corretos e relevantes para a vida dos jovens estudantes do ensino médio:

(Roteiro da primeira aula²)

Aula 1 - Assunto: Alienação

Mobilização: Mc Feliz – Banda Osso e Dente.

Problematização: De onde vem a minha (sua) felicidade?

Investigação: Adorno: massificação / Carlos D. Andrade: Eu, etiqueta.

Criação conceitual: Poema livre: Eu sou...

O tema da aula acima é o conceito de “alienação” e o roteiro das aulas seguem as sugestões das Diretrizes Curriculares Estadual (DCE) da disciplina de filosofia da Secretaria de Educação do Estado do Paraná³.

Início a aula *mobilizando* os estudantes mediante a composição *Mc Feliz – Banda Osso e Dente*, com a intenção clara de leva-los a refletirem sobre como utilizam seus tempos e quais são os móveis de suas ações. A música é o dispositivo potente que recorro em minhas aulas para criar um ambiente propício para a reflexão filosófica, ao mesmo tempo em que permite o redimensionamento do lugar em que estamos inseridos. Vejamos a letra da mencionada canção:

MC FELIZ (Banda Osso e Dente)

Estou Mc Feliz, motorizadamente sedutor, redondamente atrevido/ E quando estouro o limite o mais querido do cartão, do cheque especial/ Pois tem peru gluglu na ceia do natal meu nome é João, mas John é pra brilhar/ Nas noites de balada, de balada!!!Estou Mc Feliz/ Estou Mc Feliz bem motivado por Marins e por Godri pra conquistar mais estrelas/ E carregar nas costas largas a empresa, eu quero ser o funcionário do mês/ A qualidade é total e eu trabalho por três, coleí uma nota de cem no teto do apê/ Porque o segredo é você

² **Mobilização:** nesse procedimento incito os estudantes, propicio o contato inicial com a *ideia* que iremos investigar, é o momento de baixar suas defesas, quebrar seus preconceitos e dogmas, etc., sem, no entanto, sufocá-lo com os textos, sempre densos, conforme todo texto filosófico é;

Problematização: nesse procedimento *evidencio* a ideia e o conteúdo que irão estudar, sempre destacando-os de maneira desafiadora e reflexiva, colocando o conhecimento do estudante em conflito, instaurando a crise, colocando-o na posição em que o filósofo se pôs para pensar sobre o assunto ou problema filosófico;

Investigação: aqui busco/ofereço as fontes referenciais e os métodos de pesquisa para aprender e apreender o conteúdo estudado, desde a mobilização e a problematização até a criação conceitual;

Criação Conceitual: nesse procedimento verifico continuamente o quanto o estudante se apropriou do conteúdo (passos 1, 2 e 3) estudado; através dos mais variados instrumentos de avaliação, entre os quais os próprios passos (1, 2, 3), posso checar e intervir para que o aprendizado aconteça efetivamente e o conceito seja criado significativamente.

³ Vale ressaltar que o uso desses procedimentos será reformulado no último modelo de aula, pois, com o uso, alguns ajustes eu percebi que seriam necessários para alcançar os objetivos filosóficos do ensino.

crer na grana!!! Estou Mc Feliz/ Estou Mc Feliz/ colonizadamente consumidor, papagaio da revista mais vendida/ E do jornal que a multinacional pagou pra não, pra não deixar vazar a água suja com propina/ Negociatas, jeitinho brasileiro eu quero a minha nesta mina de prata!!! Estou Mc Feliz/ Estou Mc Feliz futebolisticamente torcedor, noveleiro de plantão/ E me emociono quando vejo o Galvão narrar um gol da nossa seleção/ Me dá vontade de chorar, ou quando vejo o bem vencer o mal/ Na minha novela predileta, que festa!!! (disponível em <https://myspace.com/ossoedente/music/songs> no dia 23/04/2015).

Articulando a apresentação e apreciação da música, registro a seguinte questão no quadro: De onde vem minha (sua) felicidade?

O que almejo com essa questão é problematizar a ideia da tal felicidade “pronta”, discutir o conceito, neste momento me interessa as impressões manifestas subjetivamente, pois minha intenção aqui é ver o estudante diante de um problema que até então ele não havia se deparado, ou se havia, aceitara uma ideia irrefletida e naturalizada de forma alienante.

Refletindo a partir da música anseio levar os estudantes a se depararem com o contrassenso que a música apresenta e também com seus próprios contrassensos quando buscam a suposta felicidade mercantilizada; na sequência sigo para a investigação filosófica propriamente dita.

Nesse ponto, serve-nos de recurso a teoria da massificação elaborada por Theodor Adorno e Max Horkheimer na obra *Dialética do esclarecimento*, donde extraio a seguinte passagem:

[...] No mundo esclarecido, a mitologia invadiu a esfera profana. A existência expurgada dos demônios e de seus descendentes conceituais assume em sua pura naturalidade o caráter *numinoso* que o mundo de outrora atribuía aos demônios. Sob o título dos fatos brutos, a injustiça social da qual esses provêm é sacramentada hoje em dia como algo eternamente intangível e isso com a mesma segurança com que o curandeiro se fazia sacrossanto sob a proteção de seus deuses. O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas. O aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens. A partir do momento em que as mercadorias, com o fim do livre intercâmbio, perderam todas suas qualidades econômicas salvo seu caráter de fetiche, este se

espalhou como uma paralisia sobre a vida da sociedade em todos os seus aspectos. As inúmeras agências da produção em massa e da cultura por ela criada servem para inculcar no indivíduo os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais. De agora em diante, ele só se determina como coisa, como elemento estatístico, como *success or failure*. Seu padrão é a autoconservação, a assemelhação bem ou mal sucedida à objetividade da sua função e aos modelos colocados para ela. Tudo o mais, ideia e criminalidade, experimenta a força da coletividade que tudo vigia, da sala de aula ao sindicato [...] (1969, p.21).

Com esse fragmento, estudantes e eu podemos analisar, significar e ressignificar os conceitos básicos da teoria dos filósofos em questão: *alienação*, *fetichismo* e *massificação*. Discutindo o tema, construímos coletivamente um *mapa conceitual*, envolvendo os estudantes nas teses dos filósofos. Esse momento é dedicado à leitura do texto, à recuperação das ideias, aos confrontos de ideias (estudantes x filósofos). Além do recurso textual, também os dicionários filosóficos e específicos dos autores são disponibilizados para os estudantes. E isso é feito tanto com recursos físicos quanto através do uso de seus *smartphones* (ou outro dispositivo das TIC) que lhes permitam acesso ao texto *online*, bem como aos dicionários.

Com a aula é pensada em quatro movimentos, visando ampliar e amplificar a discussão ofereço-lhes a poesia de Carlos Drummond de Andrade que brinca com a alienação de forma peculiar⁴:

EU ETIQUETA

Em minha calça está grudado um nome/ Que não é meu de batismo
ou de cartório/ Um nome... estranho. Meu blusão traz lembrete de
bebida/ Que jamais pus na boca, nessa vida, / Em minha camiseta, a
marca de cigarro/ Que não fumo, até hoje não fumei. Minhas meias
falam de produtos/ Que nunca experimentei/ Mas são comunicados a
meus pés. Meu tênis é proclama colorido/ De alguma coisa não
provada/ Por este provador de longa idade. Meu lenço, meu relógio,
meu chaveiro, / Minha gravata e cinto e escova e pente, / Meu copo,
minha xícara, / Minha toalha de banho e sabonete, / Meu isso, meu
aquilo. Desde a cabeça ao bico dos sapatos, / São mensagens, /
Letras falantes, / Gritos visuais, / Ordens de uso, abuso,
reincidências. Costume, hábito, permanência, / Indispensabilidade, /
E fazem de mim homem-anúncio itinerante, / Escravo da matéria
anunciada. Estou, estou na moda. É duro andar na moda, ainda que
a moda/ Seja negar minha identidade, Trocá-la por mil,

⁴ Recorro ao *youtube* buscando áudios da poesia e também peço para um ou outro estudante declamar a poesia.

açambarcando/ Todas as marcas registradas, / Todos os logotipos do mercado. Com que inocência demito-me de ser/ Eu que antes era e me sabia/ Tão diverso de outros, tão mim mesmo, / Ser pensante sentinte e solitário/ Com outros seres diversos e conscientes/ De sua humana, invencível condição. Agora sou anúncio/ Ora vulgar ora bizarro. Em língua nacional ou em qualquer língua (Qualquer principalmente.) / E nisto me comparo, tiro glória/ De minha anulação. Não sou - vê lá - anúncio contratado. Eu é que mimosamente pago/ Para anunciar, para vender/ Em bares festas praias pérgulas piscinas,/ E bem à vista exibo esta etiqueta/ Global no corpo que desiste/ De ser veste e sandália de uma essência/ Tão viva, independente,/ Que moda ou suborno algum a compromete. Onde terei jogado fora/ Meu gosto e capacidade de escolher, / Minhas idiosincrasias tão pessoais, / Tão minhas que no rosto se espelhavam/ E cada gesto, cada olhar/ Cada vinco da roupa/ Sou gravado de forma universal, / Saio da estampanaria, não de casa, / Da vitrine me tiram, recolocam, / Objeto pulsante mas objeto/ Que se oferece como signo dos outros/ Objetos estáticos, tarifados./ Por me ostentar assim, tão orgulhoso/ De ser não eu, mas artigo industrial,/ Peço que meu nome retifiquem. Já não me convém o título de homem. Meu nome novo é Coisa. Eu sou a Coisa, coisamente (disponível em <http://saladeleituraencantada.blogspot.com.br/2013/05/eu-etiqueta-carlos-drummond-de-andrade.html> 23/04/2015).

Relacionando os movimentos e conteúdos de aula que foram analisados até o momento, peço para que os estudantes evidenciem (em recortes de jornais ou revistas) suas ideias sobre o que está em discussão e justifiquem suas opiniões e escolhas por meio de expressão verbal. Por fim, passo para a conclusão da aula. Nesse momento os estudantes recriam sistematicamente os conceitos trabalhados, verifico isso propondo uma atividade de construção livre de um discurso escrito (um poema, uma hq, um rap, um conto, etc.), com o sugestivo título:

Eu sou...

Essa produção pode ser móbil de discussões posteriores, a critério do professor ou dos estudantes.

CA(U)SO DE PROFESSOR II

A segunda aula, seguindo os mesmos procedimentos e intervenções trato do conceito de Política.

(Roteiro da segunda aula)

Aula 2 - Assunto: Política

Mob: Funk Anal – Banda Osso e Dente

Prob: Quem manda em você, manda por quê?
Inv: Platão: os modelos de governo;
Cri: Elaboração de um modelo de governo;

A discussão aqui é sobre a teoria política platônica. Começo a aula com o recurso musical, apresentando e apreciando a letra e a música *Funk Anal* – Banda Osso e Dente, inspirada livremente no poeta e dramaturgo alemão Bertold Brecht. Aqui a intenção é evidenciar aos estudantes o problema do afastamento da vida pública (política) e suas consequências particulares e coletivas. Eis o teor da canção:

FUNK ANAL (Banda Osso e Dente)

O pior analfabeto é o analfabeto político/ Ele não ouve, não fala nem participa dos acontecimentos políticos/ Não sabe o custo de vida, nem quanto ganha um político/ Nem que o preço do arroz depende das decisões dos políticos/ É tão burro que se orgulha dizendo, dizendo que odeia política/Não sabe o imbecil o que nasce de sua ignorância política/ Nasce a prostituta, o menor abandonado e os bandidos da política/ Lacaio das empresas multinacionais, os pilantras da política/ Anal, anal, analfabeto/ Anal, anal, analfabeto. (disponível em <https://myspace.com/ossoedente/music/songs> no dia 23/04/2015).

Como questão fundamental, pergunto aos estudantes: Quem manda em você, manda por quê? Aqui está em jogo a noção básica de poder. Quem tem poder sobre alguém, o tem por que razão? Quero ver aqui os estudantes se deparando com os limites de suas ações, pois, por mais que se pensem e queiram ser rebeldes, há uma hierarquia da qual nem eles estão isentos (ou não há?). E isso os incomoda. Há um limite, mas este se justifica de que maneira? Como? Em quais situações?

Somos assim, levados à *República* de Platão, para analisar em sua obra os tipos de almas que os homens podem ter e como governarão a si próprios e aos outros se tiverem esse direito. Apresento as passagens d'a *República* que tratam diretamente do assunto pertinente:

(579e) Sócrates:... Proclamei agora que o melhor e mais justo é também o mais feliz, é aquele que tem a natureza de um rei, governa a si mesmo como tal; enquanto o mais perverso e injusto é também o mais infeliz, sendo de natureza tirânica e governando a si mesmo e à cidade como um tirano.

(580d-583a) Sócrates: Se assim como a cidade, que está dividida em três partes, a alma de cada indivíduo tem três elementos, nossa tese pode ser demonstrada de outro modo... Eis o que penso. Se há três partes, parece haver também três tipos de prazer específicos para cada uma delas... O primeiro elemento é aquele pelo qual o homem aprende, o segundo é o que o faz irascível, e o terceiro, que possui diferentes formas, tal que não podemos encontrar uma denominação única e adequada, designamos pelo que o caracteriza melhor, é o desejo, que o impulsiona a buscar alimento, bebida, amor e outros prazeres do mesmo tipo... Portanto, podemos caracterizar três classes de indivíduos: o filósofo, o ambicioso e o amigo do ganho... Mas, já que o juízo depende da experiência, da sabedoria e da razão... Assim concluímos que os prazeres da parte inteligível da alma são os melhores dos três e é mais feliz o homem governado por este elemento (PLATÃO *apud*. MARCONDES, 2007, 33-36).

Discutindo, analisando, significando, resignificando e compreendendo os conceitos centrais da obra, proponho como atividade a criação de uma *chuva de ideias*, em seguida discutimos os conceitos relevantes e então, novamente peço a elaboração de uma *nuvem de palavras* (usando um dispositivo do ciberespaço: www.wordle.net), daí, os estudantes podem ir para o procedimento seguinte, a construção conceitual. Como atividade, sugiro que elaborem um modelo de governo onde eles serão os governantes. A sugestão é a seguinte:

Como governante eu seria... (em um outro trabalho usei como recurso didático a gamificação).

Também a retomada para posteriores discussões fica a critério do professor e/ou exigências dos estudantes.

CA(U)SO DE PROFESSOR III

Finalizo este recorte metodológico-ensaístico discutindo com os estudantes o existencialismo, especificamente em Sartre e seu conceito de liberdade.

(Roteiro da terceira aula)

Aula -3 Assunto: Liberdade/escolhas

Mob: Cotidiano Escolar – Banda Osso e Dente.

Prob: Por que você é assim? Por que age dessa maneira? O que quer com isso?

Inv: Sartre: *O existencialismo é humanismo*;

Cri: Resposta em forma de RAP;

Nessa aula, a liberdade é quem tem o papel central de meu trabalho. Os estudantes apreciam a canção *Cotidiano Escolar* - Banda Osso e Dente -, apresentada em um linguagem muito comum para nossos estudantes, o RAP. Vale registrar aqui a letra da canção:

COTIDIANO ESCOLAR (Banda Osso e Dente)

Bola de papel na cara do colega/ Toco de giz branco atira e não sossega/ Fone no ouvido embaixo do cabelo/ Nota dez na moda e zero no conceito/ Pra mim a escola é um fardo pesado/ No celular eu jogo um game disfarçado/ Semana de provão vou ter que estudar/ Que bom que é só de "x", é fácil de colar/ Hoje eu to no céu faltou um professor/ Vou embora mais cedo TV, computador/ Escola só é bom pras mina paquerar/ Pra esbarrar os "truta" e idéia trocar/ Não sei porque que fazem a gente freqüentar/ Esta prisão com muros e grades pra barrar/ Quase tudo que eu ouço eu deixo no lugar/ Ninguém que é são agüenta tanto blá, blá, blá/ ABC, ABC toda criança tem que ler e escrever/ ABC, ABC só não perguntaram se ela vai querer/ Se eu levanto a mão o professor se alegra/ Achando que eu vou perguntar algo da matéria/ Não é nada disso eu só quero saber/ Se posso ir ao banheiro ou água beber/ Na sala eu adoro me aparecer/ Acho que eu sou o cara só não sei por quê/ Hoje vai ter filme na aula pode crer/ Vou tirar um cochilo ou ficar no "converse"/ Silêncio por favor, é hora da chamada!/ Mas só vou responder depois de terminada/ Bateu o sinal todo mundo levanta/ Sai da sala logo, pro corredor se manda!/ Se vier questionário eu faço "copi-cola"/ Se perder a prova invento uma história/ "Migué" tenho de monte nem sei qual vou usar/ Pra enrolar os trouxas sem desconfiar/ ABC, ABC toda criança tem que ler e escrever/ ABC, ABC só não perguntaram se ela vai querer/ Do lado de fora espero o professor/ Pergunto por que veio, por que não faltou?/ Meu Deus! São cinco aulas chatas pra aturar/ Não vejo a hora disso tudo terminar/ Se for trabalho em grupo é bom pra relaxar/ Tem mula que carrega o grupo sem chiar/ Enquanto eu converso, ela vai trabalhar/ E quando ela se irrita, é só elogiar/ No final do processo eu tiro nota boa/ Mesmo não sabendo, pois fico sempre à toa/ Em casa eles só querem que eu não reprove/ Nem que a coordenação ligue, nem amole/ Eu vivo sempre o agora, o que me dá prazer/ No futuro não penso, pra que me aborrecer?/ Então fico de boa eu sei como driblar/ Todo esse sistema que diz vai me educar/ ABC, ABC toda criança tem que ler e escrever/ ABC, ABC só não perguntaram se ela vai querer/ Retoca a maquiagem no meio da explicação/ Batonzinho na boca, espelhinho na mão/ Catálogo da Avon, revista de fofoca/ Paquerar o broto é tudo que me importa/ Passa atividade pra gente então fazer/ Pergunto vale nota, se não pode esquecer/ Tirar nota azul e ser aprovado/ É tudo que me importa, no mais; papo furado./ Zoar com que ta quieto é meu momento de glória/ Risco a carteira, a parede, toda escola/ Não tenho motivo, só faço pra causar/ Se alguém me acusa então tem que provar/ Não sei no que na vida, a gente vai usar/ Tanto conteúdo de tantas disciplinas/ Então o que importa é saber quando vou ter/ Os bens da propaganda que eu vejo na TV. (disponível em

<https://myspace.com/ossoedente/music/songs> no dia 23/04/2015).

Depois da canção é altamente perceptível um ar de constrangimento, de espanto, mote para as próximas discussões, pois do e no *estranhamento* vemos surgir o filosofar, assim, sem perder tempo problematizo:

- Por que você é assim? Por que age dessa maneira? O que quer com essa atitude? Os estudantes são convidados a responderem oralmente. Sempre há defensores das ações retratadas na canção!!!

Investigamos a ideia de liberdade de Sartre na obra *O existencialismo é um humanismo*; Os conceitos que me interessam são a *responsabilidade*, a *liberdade* e a *humanidade*. Vejamos as passagens significativas sobre as ideias para a investigação:

[...] Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência, e se nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época [...] (SARTRE, 1987, p. 6-7).

Bem como,

[...] A realidade não existe a não ser na ação; (...) o homem nada mais é do que o seu projeto; só existe na medida em que se realiza; não é nada além do conjunto de seus atos, nada mais que sua vida [...] (SARTRE, 1987, p. 13).

E finalmente,

[...] Temos que encarar as coisas como elas são. E, aliás, dizer que nós inventamos os valores não significa outra coisa senão que a vida não tem sentido a priori. Antes de alguém viver, a vida, em si mesma, não é nada; é quem a vive que deve dar-lhe um sentido; e o valor nada mais é do que esse sentido escolhido [...] (SARTRE, 1987, p. 21).

Fecho a discussão, quase inacabável – a discussão sobre a liberdade incita a todos para se expressarem, justificarem ou assumirem suas responsabilidades nesse contexto-, pois tenho que encerrar em algum momento e faço isso propondo a elaboração de uma réplica à canção em forma de RAP, podendo ser feita em trios ou quartetos e gravadas como um vídeo clipe, um recurso que vem ganhando força nas atividades.

Mais uma vez, a discussão pode continuar em outros momentos a critério do professor ou dos estudantes.

RESULTADOS

Um trabalho duro? Sim. Impossível? Não. Busco possibilidades educacionais que são existentes no ciberespaço, assim, (re)crio a realidade escolar. Acredito que essa situação pode ser revertida e transformada começando pelas sugestões apresentadas acima.

Contra uma realidade bastante comum e peculiar a quase todos os professores das redes públicas de educação básica, encaro-a muito mais como um desafio do que como tão somente uma triste constatação que eu poderia tomá-la como justificativa para a inação e para o fracasso da educação básica pública.

A partir desses passos/procedimentos, incorporo às aulas o uso dos dispositivos da informação e da comunicação (TIC): blogues, sites, redes sociais, etc) como ferramentas para a reflexão e o diálogo nas aulas, visto que, quase em sua totalidade, os estudantes tem acesso às redes sociais (blogues, fotologues, e-mail, etc.) e em sala de aula, muitos estão com seus celulares (*smartphones*) ligados e com acesso à rede *web*, sendo essa realidade mais um canal de interlocução entre a disciplina, os estudantes e o professor.

Por utilizar e perceber viável o uso do ciberespaço, criei e alimento um blogue (<http://pergunteaofilosofo.blogspot.com>) específico onde disponibilizo as aulas e outros conteúdos que possam intensificar minha comunicação com os estudantes, através de materiais que sejam de caráter filosófico; também criei um fórum (<http://agoravirtual.forumeiros.com/>) que já trabalhei alguns conteúdos. Esses espaços estão abertos a todos os estudantes, que podem consultá-lo em seus celulares (*smartphones*), em seus computadores e também, através dos computadores existentes em nossas escolas, fornecidos por um projeto do governo do nosso Estado, conhecido como Paraná Digital (cada escola tem um laboratório de informática com acesso à internet e que permite que os estudantes utilizem dessas máquinas para acessar essas e outras informações disponíveis no ciberespaço).

Com esse espaço virtual ou ciberespaço, dinamizo as aulas, pois, a comunicação nesse meio pode acontecer para além do tempo e espaço da sala de aula física,

sendo também mais atraente e mais próximo da realidade dos estudantes “conectados”, que não se atraem pelo trinômio “quadro-cuspe-giz”.

Defendo que a aula de filosofia ministrada no ensino médio tem que se pautar nos problemas filosóficos puros e que o texto filosófico tem que ser lido, discutido, analisado, enfrentado, contestado, comparado, etc. Defendo ainda que para os estudantes do ensino médio, é fundamental o estabelecimento de um caminho interessante, motivador, atual, desafiador e preciso, para que ele possa chegar até o texto filosófico de maneira investigativa e reflexiva. E, acredito que os passos supracitados permitem esse trajeto, pois, neles é claro a preocupação com o filosofar, desde o primeiro até o último passo, mas, com o cuidado de não sufocar o jovem estudante.

Os procedimentos que as DCE de filosofia do Paraná elegem e que fiz uso expositivo nas primeiras 3 aulas. No entanto, reformulei alguns aspectos, pois, após muitas conversas, discussões, usos e abusos destes, vi que algumas mudanças tornariam os mesmos mais precisos e mais condizentes como minhas atividades e intencionalidades. Essas mudanças alteram em pequena medida o objetivo fundamental dos procedimentos, mas, mantém e defendem a funcionalidade, a organicidade e o rigor desses procedimentos.

Após a reformulação passo a utilizar as seguintes definições: primeira(s) ideia(s), ao invés de mobilização; ideia(s) provocativa(s) ao invés de problematização; investigando ideia(s); ao invés de investigação e ampliando ideia(s) ao invés de criação ou trabalho conceitual, isto porque, propicio nas aulas sempre a discussão, a análise, a apresentação e a reflexão de ideias.

Como este ensaio tem por objetivo mostrar e demonstrar a funcionalidade dos procedimentos, bem como o uso dos dispositivos de comunicação e informação para amplificar as possibilidades do ensino e mais ainda da aprendizagem na paisagem educacional cibercultural, apresentarei, como exemplo, mais um modelo de aula usando os quatro passos e as possíveis interlocuções com os demais espaços virtuais e o uso de alguns dispositivos ciberespaciais.

Com o intuito de destacar alguns dos desafios que motivam meu ensaio, passo a descrever e problematizar outra questão problemática que se faz presente na educação básica.

O núcleo duro da educação é composto em parte pela produção escrita e em

parte pela leitura (pensadas numa perspectiva filosófica) e são também o núcleo duro do fracasso escolar, pois são duas das maiores incapacidades que ao longo dos anos tenho enfrentado junto com meus estudantes, e, como o método descrito acima me possibilita um trato diário com a produção de textos e a leitura, sentia como necessário que algum outro instrumento ou método pudesse melhorar, ampliar e desenvolver a escrita e a capacidade de leitura de meus estudantes e, para minha satisfação, encontrei tanto no programa *cmptools* criador de mapas conceituais, quanto na plataforma *wordle.net* produção de nuvem de palavras, dois incríveis aliados nessa empreitada.

DERRADEIRO CA(U)SO DE PROFESSOR

Descrevo panoramicamente o uso desses dispositivos/recursos em uma aula e como estou utilizando esses mecanismos conjuntamente, com o objetivo de despertar a capacidade de leitura e de escrita de meus estudantes.

Primeira(s) Ideia(s): Começo a aula com uma *chuva de ideias*, o tema é política contemporânea; (em sala) discussão das ideias;

Ideia(s) Provocativa(s): Vamos até o laboratório de informática e peço que com as palavras apresentadas na *chuva de ideias*, que criem uma *nuvem de palavras* no *wordle.net*, (cada um imprime uma cópia, de acordo com sua escolha de formato, cor, caracteres e etc);

Investigando Ideia(s): Ainda no laboratório - Pesquisa *online* do significado de cada um dos conceitos listados na *chuva de ideias*;

Elaboração no *cmptools* de um mapa conceitual, partindo dos conceitos, das definições pesquisadas e da discussão da *chuva de ideias*;

Ampliando Ideia(s): Produção de um texto articulado⁵ tendo como referência a *nuvem de palavras*, o *mapa conceitual* e as discussões; Postagem no blog...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que isso tem significado?

Primeiramente, ao trabalhar de maneira mais dinâmica e com as ideias de

⁵ Os textos estão disponíveis no blogue: <http://osabiomadruga.blogspot.com>.

maneira mais condensadas, os estudantes e não desanimam com a quantidade de ideias sugeridas, contrário ao que acontece com um texto de mais de três páginas. E, discutir as ideias é algo que aparentemente não ocupa espaço, não ocupando lugar físico dá uma sensação de “pouca coisa”;

Segundo, sob a supervisão do professor, conceitos são excluídos, outros substituídos e outros acrescentados. Ao irmos ao laboratório criar a *nuvem de palavras*, a linguagem é aceita por eles, pois, no computador tudo parece sempre mais “legal” e, poder dar forma, cor e tudo mais, faz com que se sintam proprietários do conteúdo produzido, e de fato é isso que tem que ser; quando partimos para a pesquisa, eles estão imersos na navegação e, vão lendo as definições para encontrar aquela que lhe agrada, que seja mais simples ou “menor”, mas, o que importa num primeiro momento é que estão lendo, por isso a exigência de ser numa fonte de pesquisa confiável (o professor está ali para cuidar disso);

Na sequência, para produzirem o *mapa conceitual*, há o dispositivo que poupa mais tempo do que se fosse feito à mão, como muitas vezes fizemos, então, a reclamação é menor. A exigência do mapa é a mesma e o que eles farão é personalizar os próprios mapas com suas escolhas conceituais. Por fim, é o grande momento da escrita discursiva, uma segunda escrita, pois a primeira foi ao elaborar o mapa, essa agora mais sistemática, mais elaborada. E, finalmente o momento de publicar...

Além desses dispositivos do ciberespaço e do uso sistemático dos procedimentos, também criei um *wiki* e alguns outros blogues, bem como venho testando o *hangout* do google+ para ampliar as discussões; no momento estou trabalhando é com a instrumentalização dos estudantes, pois, embora imersos nos ambientes virtuais, alguns estudantes ainda demonstram deficiências para utilizá-los e amplificarem seus aprendizados.

Enfim, o ensaio que fiz serve para demonstrar que é possível ensinar e aprender mesmo diante de uma realidade minimalista, com os dispositivos de comunicação e informação, mas também com novas arquiteturas pedagógicas, mesmo que as ferramentas estejam ausentes.

BIBLIOGRAFIA

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino**

médio. Campinas – São Paulo: Papyrus, 2012.

_____. **Ensinar filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

HORKHEIMER, M., & ADORNO, T. W. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

JEANNERET, Y. I. **Dispositif**. Disponível em :<http://ensmp.net/pdf/2005/glossaire/dispositif.doc>. Acesso em : outubro de 2013.

LEVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos I. Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. 23

OSSO E DENTE. <https://myspace.com/ossoedente/music/songs> no dia 23/04/2015).

PERAYA, D. **O ciberespaço: um dispositivo de comunicação e de formação midiaticizada**. In: ALAVA, S., org. *Ciberespaço e formações abertas*. Porto Alegre: Artmed, 2002 p.25-52

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. **Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade**. In: LARA, M.L.G, FUJINO, A. NORONHA, D.P. (orgs.) *Informação e contemporaneidade: perspectivas*. Recife: Néctar, 2008.p.46-97.

RAMAL, Andrea C. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Coleção os Pensadores. s/d.

VALLE, Luiza E. L. R (*et al*). **Educação digital: a tecnologia a favor da inclusão**. Porto Alegre: Penso, 2013.

VELLOSO, Renato. **Lecionando filosofia para adolescentes: práticas pedagógicas para o Ensino Médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.